

HACKEANDO A CIÊNCIA: uma experiência de biohacking brasileira

Clarissa Reche Nunes da COSTA

Universidade de São Paulo

O movimento por ciência aberta possui um caráter ativamente político em prol de práticas que visam uma maior democratização no acesso e na produção de conhecimento científico e coloca em xeque uma série de fronteiras tradicionalmente estabelecidas, como a propriedade intelectual, pesquisa estritamente disciplinar e até mesmo onde e quem pode fazer ciência. Uma experiência empírica na produção de conhecimento pautada por tal espírito vem se estabelecendo através das atividades realizadas no Clube de Biologia Sintética da USP, que conta com graduandos e pós-graduandos de formações heterogêneas, como ciências biomédicas, física e design. O grupo surgiu de uma demanda por aprofundamento teórico e prático em biologia sintética, ramo científico que juntamente com a engenharia genética são os principais interesses de uma subárea do grande guarda-chuva da ciência aberta, o biohacking. O objetivo deste trabalho é apontar os efeitos do engajamento por uma ciência aberta produzidos a partir da participação do Clube de Biologia Sintética na competição internacional de design biomolecular BIOMOD, realizada em outubro de 2015 em Harvard. A partir de tal experiência, é possível indicar que o significado de gerar conhecimento sob um regime biohacker possui um afastamento do que o termo tradicionalmente remete nos países do Norte Global, responsáveis pelo estado da arte deste, para no contexto brasileiro passar a incluir o processo de hackear as lógicas institucionais de realização de projetos de pesquisa. A lógica do *faça você mesmo* presente no biohacking rompeu os limites do laboratório e se apresentou como o único caminho possível de ser trilhado.

Palavras-chave: Biohacking; Ciência aberta; Biologia sintética; Antropologia da ciência.

EIXO 2: PESQUISA EMPÍRICA EM TEORIA CRÍTICA